



## VOZES DAS MULHERES PERIFÉRICAS NAS RIMAS DE RAP

Janaina de Jesus Lopes Santana  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

321

Regina Coeli Machado e Silva  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

**Resumo:** O trabalho apresenta o movimento hip-hop, mais especificamente o rap, problematizando o discurso atribuído para as mulheres nessas narrativas poéticas e o colocando como um dos meios para promover a luta feminista das mulheres da periferia. Nas narrativas poéticas do rap é possível visualizar os temas presentes nessa expressão artística cultural que trazem, desde suas raízes, o tecer de reivindicação de políticas públicas, sociais e a construção de uma identidade étnico racial a partir de seu contexto local. Entendemos que o feminismo é um movimento plural e com inúmeras vertentes e que, nas manifestações do rap, as mulheres mc's ( Mestre de Cerimônia - normalmente escrevem as suas letras e as comunicam ao público ) aportam sobre suas vivências no contexto periférico.

**Resumen:** El trabajo presenta el movimiento hip-hop, más específicamente el rap, problematizando el discurso atribuido a las mujeres en esas narrativas poéticas y colocándolo como uno de los medios para promover la lucha feminista de las mujeres de la periferia. En las narrativas poéticas del rap es posible visualizar los temas presentes en esa expresión artística cultural que traen desde sus raíces el tejer de reivindicación de políticas públicas, sociales y la construcción de una identidad étnica racial a partir de su contexto local. En el caso de las mujeres, las mujeres mc's (Maestro de Ceremonia - normalmente escriben sus letras y las comunican al público) aporta sobre sus vivencias en el contexto periférico.

### Introdução

O rap compõe o Movimento Hip Hop, formado pelo rap (música), break (dança) e o grafite / pichação (artes gráficas). Ganha forma nos Estados Unidos na década de 1970 com a junção dos ritmos jamaicanos, soul e funk e espalha-se por inúmeros países na década de 1980, entre eles o Brasil (Souza, 1998, p 47). Como forma de expressão dos jovens afro-latino-americanos, o Movimento Hip Hop nasce



nesse contexto social e político dos anos 1970, carregando em suas raízes a luta dos afro-americanos, com intensas batalhas por igualdade racial/social, destacando-se por esse tipo de resistência.

Tanto no Brasil quanto nos EUA as populações negras passaram por um período intenso de lutas por direitos e resgate/construção de identidades, entre os quais estão as lutas pelos direitos civis, na década de 1960 nos EUA. Neste contexto, o Movimento hip hop é um movimento social que apesar de possuir demandas e trajetórias específicas se relaciona ao movimento negro (Moassab, 2011, p.70).

Conforme foi se expandindo, a estética do Movimento hip hop foi se modificando de acordo como os espaços geográficos, as cidades, com suas devidas especificidades sociais e econômicas (Souza, 2009). Com letras que retratam a realidade na qual o rap foi construído, nas experiências vivenciadas dos MC's, DJ's e BBOYS – que tecem uma conexão entre suas vivências e o público que os assistem.

Essas narrativas abordam temas como a falta de políticas públicas, violência policial, problemas de moradia, dificuldade de locomoção – pois moram em bairros afastados do centro - apontando que todos estes problemas precisam ser discutidos a partir de abordagens mais amplas, como as diferentes formas de manifestação do racismo, gerador de grandes desigualdades sociais, muitas das quais vivenciadas por estes jovens.

Neste contexto, suas narrativas musicais vão sendo criadas como importante forma de reflexão social. Mesmo possuindo uma diversidade interna em suas formas de manifestação artística e política, o Movimento hip hop desde sua raiz vem desenvolvendo um papel de reivindicação política e social e é sobre esta forma de manifestação artístico-cultural que a pesquisa aqui apresentada direciona sua discussão.

Como colocado por Hall (2006) a produção musical é uma produção cultural que nessa perspectiva acerca dos estilos musicais, assim como o Soul e o Funk se tornam uma ferramenta para demonstrar o posicionamento político daquela parcela



da população subalternizada. Num processo de diáspora (HALL, S., 2003), a tradição Africana também está muito presente outros estilos musicais Latinos Americanos como: a salsa, cumbia e o samba.

Ao evidenciarmos o movimento hip hop fruto de um processo diaspórico, torna-se necessário definir este conceito, que é proposto pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003) da seguinte forma:

323

não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença." (p.75)

Para o autor, a cultura é uma criação de ensinamentos e difusão de tradições, pois está em constante modificação. Fazendo a transformação e a produção do sujeito social, através da cultura que pelo descentramento cultural faz surgir lutas sociais e minorias étnicas as quais por uma perspectiva diaspórica subverte o modelo que orientou a construção do imaginário do Estado-Nação.

As identidades formadas no interior deste estado-nação trazem traços dessa diáspora. Assim como Stuart Hall entende que o rastafari surge para problematizar e fazer emergir os problemas sociais dos migrantes caribenhos, o Movimento hip hop opera da mesma forma no Continente Americano. Com traços culturais e históricos de contestação inspiradas por aspectos culturais regionais

No Brasil o Movimento hip hop surgiu no início da década de 1980, (Pimentel, 1999 p.14) com a reunião de grupos contendo dançarinos, rimadores e grafiteiros/pichadores na estação de metrô São Bento em São Paulo. Esse cenário serviu como um palco da resistência da cultura Hip Hop.

O primeiro grupo de Rap a se tornar popular dentro do Movimento brasileiro foi MC Thaíde e DJ Hum e, na sequência, com grande visibilidade o grupo Racionais MC's, formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay.

Para entender essa forma de resistência realizaremos a análise das letras de rap como narrativas que trazem desde seu início um apelo de reivindicação política



e social, a partir de um contexto local caracterizado por falta de políticas públicas, debates como problemáticas de racismo, violência, lutas e identidade étnica-racial.

Na América Latina o rap entra como uma ferramenta de protesto, como colocado pela Souza (2009) o Movimento hip hop se transformou numa nação que utiliza o rap como seu hino, ao explicar essa colocação a autora nos fala das trocas de vivências nas letras do rap e de como essas situações são constantemente repetidas nas letras de rap de diversos países latino-americanos como Argentina, Colômbia, Chile, Uruguai, entre outros.

Mais do que o contexto nacional, o Movimento hip hop coloca em debate os problemas comuns a jovens moradores de periferias, negros, indígenas e que fazem do movimento uma forma de expor suas manifestações e reivindicar seu direito de cidadania.

O Movimento hip hop parte das especificidades culturais de cada espaço, ao mesmo tempo em que se conectam com um contexto mais amplo, entre periferias, favelas, cidades e países, a partir das temáticas que discutem politicamente, através de intervenções artístico-culturais, a condição de jovens, muitos dos quais negros moradores de periferia na reivindicação de cidadania (SOUZA, 2009).

Entretanto, o cenário onde essas rimas são cantadas, apresentadas e feitas infelizmente acaba sendo construído como um “cenário masculinizado” (Souza, 2010), pois há uma presença maior de homens rimando e assistindo os shows. Onde estão as mulheres nessas narrativas? Quais são os discursos que as englobam na rimas do MC’s? Mães, irmãs, sobrinhas, filhas e esposas, mulheres tão comuns no dia a dia desses rapazes, acabam ocupando um papel secundário ou de discriminação de gênero mesmo dentro de um movimento que vem enraizado como de vanguarda e contestador.

## As mulheres e o rap





As letras do rap em sua maioria retratam as mulheres como prêmios ou como um mau maior, pois, por elas, os homens perdem sua dignidade, associada ao dinheiro e à luxúria, consideradas pecaminosas.

A música aqui trazida é Vida Louca parte 2 de Racionais MCs (2002). Nesta rima podemos localizar o discurso construído sobre as muitas mulheres nas letras de rap, vistas com desconfiança: “...porque a confiança é uma mulher ingrata / Que te beija e te abraça, te rouba e te mata...”.

Por outro lado, muitas vezes são representadas como a Mãe protetora, que chora ao lado do seu filho, a única mulher que não abandona. “Amor é só de mãe” é uma frase emblemática na maioria das periferias da Grande São Paulo.

A outra música é Amor só de mãe do grupo de São Paulo Detentos do Rap (2003) Nesse rap, a mãe protetora que sofre por seu filho o faz como espécie de purificação: “Três anos se passou e a loira tingida trabalha no 12, que valor que isso tem agora já matou pela vaca e nos dias de hoje, seus filhos estão jogados, de aviãozinho na amargura, que que você quer pra ele, a mesma tabela ou a mesma loucura !? Truta agora percebe as pessoas que você deu valor, enquanto aquela que merece, implorava pelo seu amor”.

Se nas letras do rap os problemas de gênero muitas vezes não são aprofundadas, o espaço para denunciar a violência policial e a ausência de políticas públicas que os mesmos rappers são expostos também não incluem essas mulheres que convivem com seus filhos e maridos, muitas vezes como chefes de famílias, pois o salário delas mantêm o sustento da família inteira.

Percebe-se, assim, uma lacuna (SOUZA, 2010) quando a questão de gênero é colocada. Não existe uma preocupação nessas músicas sobre as discriminações sofridas por essas mulheres e em sua grande maioria negras, descendentes de uma população que eram escravizados.

O peso social de uma história de machismo recai sobre elas, que lutam pela sobrevivência própria e de seus filhos desde a senzala, bem como lutam para uma vida digna e paz nas periferias, por espaços no mercado de trabalho e por igualdade salarial.



Como Ângela Davis (2005) nos coloca, nos Estados Unidos pós escravidão poucas mulheres negras conseguiram escapar dos serviços como domésticos ou do campo. As funções eram repetidas de suas mães que foram escravas. E mesmo que trabalhassem em outros setores eram mal pagas ou o trabalho era degradante. Do mesmo modo, abuso sexual que cotidianamente a mulher negra sofria na escravidão continuava depois.

O mesmo ocorreu no Brasil, pois após a escravidão as mulheres negras viram-se obrigadas a trabalhar em serviços domésticos. Atualmente continuam condições iguais ou piores de quando foram escravizada: submissão sexual dentro do trabalho para o senhor branco e pouca oportunidade de serviço que não seja dentro do “lar” – Domésticos.

O racismo, segundo Angela Davis, anda de mãos dadas com o sexismo social e em uma sociedade capitalista a mulher negra tem seu lugar na última parte. As mulheres nos espaços onde o rap é apresentado ainda são poucas, e em quase todos os eventos de rap no qual tive oportunidade de estar, como “batalhas de freestyler ou shows de rapper, isso ocorreu. Observei a presença delas acompanhadas de seus parceiros, mandando grafites ou rimas. Embora em número pequeno, a presença feminina estava sempre representada.

Como contrapartida, após 2000, com a expansão do estilo musical nas rádios e grandes mídias como a televisão, o rap foi crescendo em seu alcance e muitas mulheres que faziam a rima puderam ter uma certa visibilidade, construindo rimas que refletem suas condições como mulheres e permitindo a debate de problemáticas como gênero feminismo, aborto, relações homoafetivas e violência contra a mulher.

Esse debate está muito relacionado ao feminismo de classe, uma corrente de luta que, de forma mais estreita, liga a luta pela emancipação das mulheres àquela de todos os oprimidos e do proletariado. O patriarcado e as sujeições do sistema capitalista oprimem, ao máximo, a mulher proletária.

Na década de 1960 e 1980 a luta feminista foi intensificando e se espalhando ao redor do mundo, como colocado por Yasmine Ergas, e bandeiras de luta como



aumento salarial, divórcio, direitos trabalhistas e revolução sexual foram temas recorrentes.

O movimento feminista com suas bandeiras de luta foi o movimento que mais alcançou vitórias do século XX, tanto que se chegou a questionar a sua permanência na luta alegando que a igualdade e os direitos já estavam garantidos. Entretanto para quem esses direitos foram garantidos? Nem mesmo para a parcela das mulheres brancas esses direitos chegaram: violência doméstica e sexual entre outras atrocidades são constantes em diversas partes do mundo.

Focalizamos agora esses direitos para as mulheres negras e que vivem nas comunidades, onde a luta está baseia em direitos básicos, como exemplo rede de esgoto, direito a soberania alimentar e sistema de saúde.

A reivindicação tem sido de direitos mínimos tanto para sua existência como mulher como ser humano. Como Alexandra Kollontai (1978) nos coloca, essa mulher é submetida à uma tripla jornada de trabalho, cumprindo as três tarefas : casa, marido e indústria.

A música que aqui para exemplificar essa tripla jornada de trabalho das mulheres é Pensamento dos SNJ a parte da música rimada pela MC's Cris (2013). "Mas mesmo assim algo dentro de mim me dava forças/ E eu continuava / Que eu consiga no rap ir até o fim / É como meu filho pequeno que faz parte de mim / Olhar as pessoas que respeito e me orgulhar / Ter a minha mãe ao lado pra me espelhar / Felicidades, tristezas pelas duas chorei/ E, no entanto, na caminhada eu continuei/ Da menina da escola, a mina que sobe no palco e rima/ Se tem um objetivo lute que Deus ilumina/ As discriminações que já sofri, quem me olhou com os maus olhos."

Analiso aqui o rap como uma ferramenta na luta feminista e como objeto de estudo iremos trabalhar com a trajetória musical da MC's Luana Hansen.

Em sua trajetória Luana Hansen nos coloca a dificuldade de ser mulher dentro desse espaço masculinizado e muitas vezes escutava: "no rap não tem espaço para Sapatão". Luana Hansen, em certo momento, chegou a desistir e ir trabalhar como em telemarketing, pois numa Grande Capital como São Paulo, a rapper problematiza, quem iria dar emprego para uma mulher que não segue o



padrão de beleza para trabalhar em shopping: negra e moradora da favela, como ela, nascida na Grande São Paulo e criada pela mãe.

A caminhada musical dessa MC's dura há 14 anos, mesmo assim ainda se considera invisibilizada dentro do rap. O único grupo que deu incentivo e abriu espaço foi o "Sistema Negro" também de São Paulo. Hoje ela tem um studio próprio, ajuda na divulgação do seu trabalho e para a inserção nesse espaço restrito.

Com uma nova e diversificada gerações de jovens mulheres, o cenário do movimento hip hop está se modificando com letras que retratam as mulheres e suas diversidades temas como: lutas como a não violência contra a mulher e o aborto.

Letras como mulher trepadeira do MC's Emicida que incentiva a violência contra a mulher vão ganhando respostas no caso da rima da MC's Luana Hansen Flor de mulher. Essas "batalhas" de rimas são uma das provas da luta feminista dentro do movimento hip hop.

Um dessas músicas que exemplifica o incentivo à violência contra a mulher conta a história de um homem que descobriu ter sido traído por sua companheira nas rimas é Trepadeira do Emicida - part. Wilson das Neves (2013): Merece era uma surra, de espada de são jorge (é) / Chá de "comigo ninguém pode" / Eu vou botar seu nome na macumba,viu/ Então segura Você era o cravo ela era a rosa, e cai entre nós / Gatinha, quem não fica bravo dando sol e água E vendo brotar erva daninha / Chamei de banquete era fim de feira / Estendi o tapete mas ela é rueira / Dei todo amor, tratei como flor / Mas no fim era uma trepadeira.

Como resposta a essa musica MC's Luana Hansen escreveu flor de mulher: "A cada duas horas uma mulher é assassinada no país/ Mulher, no topo da estatística 32 Anos, uma pobre vítima Vivendo num sistema machista e patriarcal/ Onde se espancar uma mulher é natural/ A dona do lar, a dupla jornada,/ Sempre oprimida, desvalorizada".

A MC's Luana Hansen coloca que existe pouco espaço nesse cenário para letras de rap que retratam as problemáticas das mulheres. Cita como exemplo, em uma de suas entrevistas para um blog sobre feminismo, um show que fez na grande São Paulo de hip hop com vários grupos onde as reações dos





telespectadores foram de se incomodaram com a letra sobre o aborto e alguns até saíram do local.

Outra rima importante da MC's Luana Hansen e Crica (2012) é o rap *Ventre Livre* que problematiza o aborto: *Ventre livre de fato / E lutas pela legalização do aborto / É lutar pela saúde da mulher / 1 bilhão de abortos no Brasil por ano / Vai dizer que nao sabia / Vai dizer que é engano / A cada 7 mulheres 1 já fez aborto./ Isso é estatísticas não é papo de louco / Inseguro feito de uma clandestina / Acorda Brasil o nome disso é Chacina.*

O tema é crucial. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), a estimativa de aborto no Brasil chega há 1 milhão por ano onde 1 mulher morre a cada dois dias com o aborto inseguro e que o risco multiplica por mil quando é uma mulher pobre. Na America Latina 95% dos abortos são inseguros. Como visto um tema freqüente na trajetória de vidas das mulheres Latino Americanas.

Para tanto, através das narrativas poéticas do rap é possível visualizar os discursos presentes nessa expressão artística cultural que trazem desde suas raízes o tecer de reivindicação de políticas públicas, sociais e a construção de uma identidade (MUNANGA.1999) étnico racial a partir de seu contexto local. Para isso entendemos que o feminismo é um movimento plural e com inúmeras vertentes, e que também através do rap, as mulheres mc's aportam sobre suas vivências no contexto periférico. Nas correntes feministas tradicionais, pouco se fala das variadas manifestações feministas na periferia sobretudo através do rap. O feminismo periférico traz em sua discussão o conceito de interseccionalidade (GONZÁLES.1984), que surge na década de 1980, cunhado por feministas negras e passa a ser ferramenta teórico- metodológica fundamental para ativistas e teóricas feministas. O conceito vem de uma necessidade das mulheres negras de serem vistas como seres políticos, tanto dentro do movimento negro quanto no movimento feminista (DAVIS. 1982).

Nessa luta algumas associações são parceiras com a divulgação dos trabalhos das MC's no mercado entre elas: A Frente nacional do rap e HiP HoP mulher. A frente nacional de mulheres do Hip Hop é uma organização só delas com



alcance em todo o território nacional e quem faz parte são Grafiteira, MC's, dançarinas de break, pichadoras, ativistas, artistas e simpatizantes. Essas associações debatem problemáticas que reivindicam também o espaço dentro da cultura urbana. Como conquista fizeram o II Fórum de Mulheres do Hip Hop.

330

### Considerações finais

Voltaremos agora para o Rap como uma forma de protesto desde de suas raízes, como colocado pela Souza (2009). O Movimento Hip Hop se transformou numa nação que utiliza o rap como seu hino, e essa autora nos fala das trocas de vivências nas letras do Rap e de como essas situações são constantemente repetidas nas letras de rap de diversos países latinos americanos como Argentina, Colômbia, Chile, Uruguai, entre outros. As letras retratam a realidade na qual o rap foi construído, as experiências vivenciadas dos MC's e DJ's que tecem uma conexão entre suas vivências e o público que os assistem. Nesse sentido há uma ligação direta entre os MC's, o meio onde vivem as comunidades e o espaço geográfico localizados socialmente e economicamente. O rap feminista, como vimos, coloca a ligação de luta e direitos dessas mulheres tanto das MC's em conquistar seu espaço por direito quanto das mulheres que ali estão assistindo: muitas mães, namoradas esposas que deparam com temas como aborto violência domestica e sexual muitas vezes vindo de seus familiares ou próximos.

Há lutas pela igualdade, pela diferenciando entre a questão indígena e afro descente, por direitos básicos para mulheres Latino-Americanas. Assim, o rap entra como o porta voz dessas mulheres com a reivindicação de direitos básicos como creches e escola para as mulheres poderem trabalhar e de igualdade salarial. O rap ajuda a desconstruir a imagem do homem provedor que na América Latina predomina. Assim, os direitos que reclamam as mulheres Latino-Americanas mudam de acordo com sua região grupo étnicos ou classe social.



## Referências

### a) Bibliográficas

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 2009

DAVIS, A. **Mujeres, raza y clase**. Madrid: Alcal, 2005.

ERGAS, Y. **O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980**. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995.

HERSCHMANN, M. **Abalando os anos 90** : Funk e Hip Hop – Globalização, violência e estudo cultural. Rio de Janeiro: ROCCO, 1997.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

KOLLONTAI, A. **Autobiografía de una mujer emancipada; La juventud y la moral sexual; El comunismo y la familia**; Plataforma de la oposición obrera. Barcelona: Fontamara, 1978.

MOASSAB, A. **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop**. São Paulo: Educ, 2011.

MOLYNEUX, M: **Justicia de Género Ciudadania y diferencia en America Latina**. Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 2010

SOUZA, A M. **“A caminhada é longa... e o chão tá liso”**: O Movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa. Florianópolis: 2009 Tese de Doutorado em Antropologia, UFSC.

SOUZA, A M - **O Movimento do RAP em Florianópolis; A Ilha da Magia é Só da Ponte pra lá!** , Santa Catarina: NUPPE, 1998.

SOUZA, A. M. de. **Repensando as relações de gênero através das práticas musicais de jovens: o movimento Hip Hop**. FAZENDO GÊNERO 9, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278259860\\_ARQUIVO\\_AngelaSouzaFG9-Movimentohiphop.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278259860_ARQUIVO_AngelaSouzaFG9-Movimentohiphop.pdf)>. Acesso em: 31 janeiro de 2018.



ZANETTI, SOUZA, LANES . de. **Jovens no feminismo e no Hip Hop na busca por reconhecimento.** In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. Jovens Feministas presentes. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedric Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009. p. 100-109.

332

#### b) Discográficas

Detentos do Rap . **Amor só de mãe.** O resto é puro ódio, São Paulo . 2003

MC's Emicida. **trepadeira.** O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui.São Paulo. 2013

MC's Luana Hansen. **Flor de mulher.** São Paulo. 2014

Racionais MCs. **Vida Loka. part 2.** 1000 Trutas, 1000 Tretas (Ao Vivo),São Paulo. 2002

SNJ. **Pensamento.** SNJ - DVD e CD Ao Vivo, São Paulo. 2013